

Edwaldo Costa  
Juliana da Costa Feliz  
(Organizadores)

# COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos  
contemporâneos

2

Atena  
Editora  
Ano 2022

Edwaldo Costa  
Juliana da Costa Feliz  
(Organizadores)

# COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos  
contemporâneos

2

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Comunicação e cultura: processos contemporâneos 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Edwaldo Costa  
Juliana da Costa Feliz

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação e cultura: processos contemporâneos 2 /  
Organizadores Edwaldo Costa, Juliana da Costa Feliz. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0305-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.050221207>

1. Comunicação e cultura. I. Costa, Edwaldo  
(Organizador). II. Feliz, Juliana da Costa (Organizadora). III.  
Título.

CDD 303.4833

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O e-book *Comunicação e Cultura: Processos contemporâneos 2*, intenta uma empreitada tanto ampla quanto profunda, a fim de compreender algumas das mudanças socioculturais que marcaram a passagem do século XX para o século XXI e que explicam a convergência entre fatos comunicacionais e culturais.

A extensão do desafio intelectual da empreitada fica evidente desde o e-book 1, justamente por conta da abrangência da abordagem. Os campos da Cultura e da Comunicação, notadamente amplos, são suficientemente próximos e convergentes; no entanto, também o são distintos e específicos. Ambos caminham em trilhas próximas, imiscuem-se, dialogam, trocam influências, delimitam procedimentos sociais, definem comportamentos individuais.

Para abarcar discussões de tamanha monta, esta obra digital lança um olhar multidisciplinar para a Comunicação e a Cultura, mais especificamente sobre os processos contemporâneos. Como pode-se observar, os 17 artigos refletem uma pluralidade de assuntos interligados ao tema, permitindo um intercâmbio de conhecimentos, uma vez que apropria-se de contexto que envolvem a memória da imprensa e a perspectiva hermenêutica; o habitar em contextos híbridos; as comunicações durante a pandemia; o potencial de experiência aurática em fotografias em preto e branco; o novo newsmaking; o ambiente organizacional; a contribuição das mídias na promoção de cidadania; o feminicídio; as pautas religiosas; a economia colaborativa; as atividades laborativas sustentáveis; a indústria 4.0; a comunicação pela arte; a indústria literária; a resiliência no documentário e a discussão emblemática de uniformes esportivos femininos na mídia.

Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. A partir desse material, esperamos que leitores e leitoras explorem as interconexões permitidas pelas Ciências da Comunicação, possam fazer reflexões e implicações de acordo com seus interesses de estudo, formação e prática, na esperança de produzir luzes para o mundo contemporâneo.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, ofereça uma contribuição plural e significativa para a comunidade científica e profissionais da área.

Edwaldo Costa  
Juliana da Costa Feliz

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### A MEMÓRIA HISTÓRICA DO IMPRESSO E A PERSPECTIVA HERMENÊUTICA

Juliana da Costa Feliz

Edwaldo Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212071>

### **CAPÍTULO 2..... 21**

#### HABITAR EM CONTEXTOS HÍBRIDOS: PRESENÇA SOCIAL, RIQUEZA MÉDIA, AUTO-APRESENTAÇÃO E AUTORREVELAÇÃO NO DIGITAL

Douglas Rossi Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212072>

### **CAPÍTULO 3..... 34**

#### LAS COMUNICACIONES: UN RETO EDUCATIVO DURANTE LA PANDEMIA

Teresita de Jesús Marrugo-Puello

Jasleidy Ruiz-Herrera

Onasis Losada-Zamora

María Isabel Ramírez-Garzón

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212073>

### **CAPÍTULO 4..... 45**

#### O POTENCIAL DE EXPERIÊNCIA AURÁTICA EM FOTOGRAFIAS EM PRETO E BRANCO

Marcia Boroski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212074>

### **CAPÍTULO 5..... 60**

#### O LEITOR MANDA NOTÍCIA (POR WHATSAPP): A INTERATIVIDADE NO NOVO NEWSMAKING DO DIÁRIO GAÚCHO

Beatriz Dornelles

Patrícia Specht

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212075>

### **CAPÍTULO 6..... 71**

#### O CONTRIBUTO DOS MEDIA NA PROMOÇÃO DA CIDADANIA NA CIDADE NAMPULA

Anifo Inusso Moniz Martinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212076>

### **CAPÍTULO 7..... 82**

#### PENALIZAÇÃO, PROTESTO E IMPOSIÇÃO: A DISCUSSÃO DE TRÊS CASOS EMBLEMÁTICOS DE UNIFORMES ESPORTIVOS FEMININOS E SUAS REPERCUSSÕES NA MÍDIA

Marcelo Ribeiro Tavares

Frederico Braida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212077>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>97</b>
FONTES UTILIZADAS EM MATÉRIAS SOBRE FEMINICÍDIOS - MARCADORES DO MACHISMO NO JORNAL A TRIBUNA/ES	
Jaciele Cristina Simoura Maria Emília Pelisson Manente	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212078">https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212078</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
COMUNICAÇÃO E IGREJA CATÓLICA: PROPOSTA DE CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE PAUTAS RELIGIOSAS	
Elisa Ferreira Roseira Leonardi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212079">https://doi.org/10.22533/at.ed.0502212079</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>136</b>
REPRESENTATIVIDADE: REFLEXÃO SOBRE A INDÚSTRIA LITERÁRIA ATRAVÉS DO LIVRO-REPORTAGEM “NÃO. ELE NÃO ESTÁ”	
Cristiano Eduardo Faria Andreza Alves José Gabriel Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120710">https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120710</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>149</b>
PERFORMANCE, MEMÓRIA E NARRATIVIDADE: AS CHAVES PARA A RESILIÊNCIA NO DOCUMENTÁRIO <i>KÁTIA</i>	
Jamilson José Alves-Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120711">https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120711</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>168</b>
INDÚSTRIA 4.0 E GESTÃO SUSTENTÁVEL PODEM COEXISTIR?	
Diego Ramalho Brasileiro Silva Milton Carlos Farina	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120712">https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120712</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>187</b>
A REVITALIZAÇÃO DO CENTRO CULTURAL SESC GLÓRIA E O DESVELAMENTO DA CIDADE CRIATIVA _ A COMUNICAÇÃO PELA ARTE PARA EFETIVAÇÃO DE UMA DIALOGIA COM O ENTORNO	
Tatiana Gianordoli Teixeira Quadros Ivana Esteves Passos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120713">https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120713</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>193</b>
ECONOMIA COLABORATIVA: MODELO DE NEGÓCIOS COM ÊNFASE NA SUSTENTABILIDADE	
Diego Ramalho Brasileiro Silva Milton Carlos Farina	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120714>

**CAPÍTULO 15.....214**

ATIVIDADES LABORATIVAS SUSTENTÁVEIS NA COLÔNIA PENAL AGRÍCOLA DO SERTÃO: UMA ANÁLISE DE SUA EFICÁCIA NA EXECUÇÃO PENAL

Iranilton Trajano da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120715>

**CAPÍTULO 16.....218**

O MODELO PERMA COMO DIAGNÓSTICO DO AMBIENTE ORGANIZACIONAL E BEM-ESTAR DOS COLABORADORES

Antonio Aparecido de Carvalho

Marco Antonio Spada

Milton Carlos Farina

Leonardo Biche de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120716>

**CAPÍTULO 17.....224**

VIVÊNCIAS DO SERINGUEIRO NA IMPRENSA AMAZONENSE: UM PANORAMA DAS REPRESENTAÇÕES (1890-1920)

Daniel Barros de Lima

Larissa Benevides da Costa Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05022120717>

**SOBRE OS ORGANIZADORES .....237**

**ÍNDICE REMISSIVO.....238**

## VIVÊNCIAS DO SERINGUEIRO NA IMPRENSA AMAZONENSE: UM PANORAMA DAS REPRESENTAÇÕES (1890-1920)

Data de aceite: 04/07/2022

Data de submissão: 20/06/2022

### Daniel Barros de Lima

Doutor em Teologia (PPG-EST) e Mestre em História Social (PPGH-UFAM). Especialista em Magistério do Ensino Superior. Teólogo e Historiador. Faculdade Boas Novas Manaus-AM  
<http://lattes.cnpq.br/2143043644958496>

### Larissa Benevides da Costa Barros

Mestra em Ciências e Meio Ambiente (UFPA/ITEGAM). Pedagoga e Especialista em Direito Educacional e Assessoria de Comunicação em Mídias Digitais. Faculdade Boas Novas Manaus-AM  
<http://lattes.cnpq.br/4884162356940354>

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo analisar as múltiplas representações produzidas pela imprensa amazonense acerca do seringal e do seringueiro, flagrando uma pluralidade de dimensões dessa presença e vivência no contexto amazônico. Assim, a pesquisa acompanha tanto o debate em torno do processo migratório, buscando lançar um olhar perscrutador sobre suas dimensões e motivações, além de priorizar as imagens produzidas pela imprensa acerca dos dilemas derivados da adaptação do nordestino tanto diante de um meio ambiente hostil, quanto diante de um processo de trabalho escorchante e suas práticas de resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cotidiano; Seringueiro;

Imprensa; Representação.

### EXPERIENCES OF THE SERINGUEIRO IN THE AMAZON PRESS: AN OVERVIEW OF REPRESENTATIONS (1890-1920)

**ABSTRACT:** This study aims has the objective to analyze the multiple representations produced by the Amazonian press about the rubber plantation and the rubber tapper, catching a plurality of dimensions of this presence and experience in the Amazonian context. So, the research follows both the debate around the migratory process, seeking to cast a scrutinizing look at its dimensions and motivations, in addition to prioritizing the images produced by the press about the dilemmas derived from the adaptation of the northeastern both in the face of a hostile environment, as well as in the face of a scorching work process and their practices of resistance.

**KEYWORDS:** Daily life; rubber tapper; Press; Representation.

## 1 | INTRODUÇÃO

A pesquisa histórica no interior da Amazônia tem possibilitado a construção de inúmeros trabalhos evidenciando o protagonismo de importantes sujeitos históricos, trazendo à tona novos olhares e debates sobre questões históricas decisivas para a compreensão daquilo que chamamos de a formação e o desenvolvimento da região amazônica. Essa análise pode recuperar, para além dos tradicionais discursos historiográficos,

a discussão sobre importantes assuntos daquilo que geralmente está pronto pra ser esquecido, ou que talvez já esteja esquecido.

Nesse artigo propomos analisar o processo de migração nordestina para a região amazônica durante o período onde a atividade gomífera dava o tom econômico à região amazônica. Neste recorte de tempo e espaço, figura o seringueiro<sup>1</sup> como principal sujeito social da região nesse momento, sobre o qual buscamos um olhar diferenciado, bem como sobre a categoria de trabalhadores que integra, estabelecendo uma análise de suas possíveis representações na imprensa amazonense, no fim do século XIX e início do século XX.

Em meados do século XIX a utilização da borracha foi aprimorada, isso possibilitou a ampliação de seu uso como matéria-prima na produção de correias, mangueiras, sapatos, pneus, entre outros. A produção gomífera desse período representou uma grande parte das exportações brasileiras,<sup>2</sup> além de representar um importante fator para o crescimento econômico e demográfico da região amazônica. Ainda que tenhamos clareza do fato da imensa propulsão demográfica trazida pela atividade ligada à borracha, não podemos incorrer no erro de pensar que a borracha atuava sozinha neste contexto econômico, pois é perceptível através da luz trazida pela nova historiografia local<sup>3</sup> o alerta para a diversidade de formas de produção vivenciada na região amazônica nesse período, onde a borracha aparece como um fenômeno em determinada conjuntura, sendo difícil tomá-la como definidora da estrutura.

Dessa forma, buscamos apresentar uma nova abordagem, ou versão dos fatos, trazendo à tona uma história que não é contada, que segundo Edward P. Thompson,<sup>4</sup> por muitas vezes “os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”.<sup>5</sup> Na conceituação de Roger Chartier,<sup>6</sup> as representações geram identidade para o indivíduo e para o grupo, e são portadoras do simbólico, que é construído social e historicamente,<sup>7</sup> e que Sandra Pesavento chama de “a presentificação de um passado ausente”.<sup>8</sup> Uma vez que a representação está relacionada à formulação de experiências do passado que sejam compreensíveis e plausíveis ao presente, é possível resgatar as representações daquilo que já fora representado no passado, a saber, as representações

1 Em seu artigo intitulado “Movimentos sociais dos seringueiros e a Resex Chico Mendes”, Gisele Souza define o seringueiro como o indivíduo que organiza e executa a atividade de extração de látex da árvore da seringueira (*hevea brasilienses*) e realiza sua transformação em borracha natural.

2 OLIVEIRA, José Aldemir de. *Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer, 2003. p.37.

3 SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Os Fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880*. Niterói, 1993. Dissertação de Mestrado, 1994. UFF: Niterói, 1994. (Como exemplo dessa historiografia)

4 Edward P. Thompson foi um historiador marxista inglês, representante da nova esquerda que buscou em seus trabalhos historiográficos dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiadores marxistas afinados com as teorias estruturalistas. Para tal, buscava perceber através da luta de classes, a formação de experiências históricas do operariado inglês do século XVIII.

5 THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa*. Vol.1 São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed. 2011. p.14.

6 Roger Chartier é um historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola dos Annales. Uma das contribuições decisivas de Roger Chartier para a História Cultural está relacionada à elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”.

7 CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Estudos avançados* 11(5), 1991. p.177.

8 PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História e história cultural*. São Paulo: Autêntica, 2008. p.40.

do seringueiro.

## 2 | A IMPRENSA AMAZONENSE NA VIRADA DO SÉCULO XIX

Em sua tese de doutorado, Maria Luíza Pinheiro nos apresenta uma imprensa riquíssima na virada do século XIX para o século XX, com verdadeiros arquivos do cotidiano, que servem assim, para pôr fim ao que ela chama de “silêncio documental” sobre os segmentos populares, principalmente sobre os trabalhadores urbanos e menos favorecidos da cidade e do campo. Essas fontes jornalísticas podem se tornar contrapontos importantes ao discurso oficial dos fatos que é pautado sobre os mecanismos vigentes de controle e dominação, pois podemos visualizar uma sociedade bem mais complexa e problemática que aquela projetada pela crônica memorialista ou por uma historiografia conivente com os processos e interesses dos grupos dominantes.<sup>9</sup>

Podemos enfrentar as fontes atentos ao poder do discurso nelas imbuídas e carregadas de interesses por parte de quem as escreve, por isso Maria Luíza Pinheiro também afirma que “o discurso jornalístico possibilita a percepção das tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade”,<sup>10</sup> é por onde era possível perceber as múltiplas dimensões do viver social. Assim, a imprensa diária representava um contraponto de pluralidade de discursos, que quebra essa chamada visão monolítica de imprensa.

É nessa imprensa cotidiana na virada do século XIX para o XX, que Maria Luíza Pinheiro em sua obra “A cidade sobre os ombros” nos informa da presença de trabalhadores (cocheiros, catraieiros, estivadores, carroceiros, peixeiros, condutores, etc) que eram citados na imprensa amazonense, e que traziam consigo a exploração das contradições do universo do trabalho.<sup>11</sup> Dentre esses trabalhadores, inferimos também a presença do seringueiro, uma vez que o mesmo representou a principal mão de obra trabalhadora na extração do látex da borracha dos seringais da Amazônia.

Tanto a menção dos trabalhadores quanto as variadas perspectivas das notícias nos jornais da cidade nos permitem o vislumbre das suas vivências sob essas perspectivas. A partir das informações encontradas na imprensa, nas notícias do cotidiano amazonense, podemos perceber muitas representações do seringueiro, como matrizes que geram as práticas sociais e os comportamentos, e que dão coesão e explicação para a realidade.

Nesse universo de perspectivas dos discursos da imprensa, encontramos diários predominantes que parecem ter sido porta-vozes de uma elite local que buscava apresentar uma Manaus cosmopolita, bela e rica.<sup>12</sup> E também identificamos uma imprensa, chamada

9 PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920*. São Paulo, 2001. Doutorado em História, 2001. PUC-SP, 2001. p. 7.

10 PINHEIRO, 2001, p. 7.

11 PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. *A Cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925)*. Manaus: EDUA, 1999. p. 4.

12 Como exemplo, podemos citar: “O Mariauaense” de José Antonio Nogueira Campos; “Cidade Cabocla” de Genesino Braga; “Porta do El Dorado” de Clovis Barbosa; “Cidade Risonha” de Raul de Azevedo. *Jornal do Commercio de Vicente Reis* (fundado por J. Rocha dos Santos).

muitas vezes de imprensa operária, que em seus periódicos podiam oferecer a visão contrária de um cenário marcado por tensões, manifestações e reivindicações.<sup>13</sup>

A imprensa amazonense de fins do século XIX e início do século XX, como já dissemos, constitui um universo denso e rico de fontes, que se transformam em representações próprias do cotidiano da cidade, do interior, do trabalho, e do seringueiro como um sujeito social ativo desse período. Podem ser destacados aqui o acervo do “Jornal do Commercio” tradicionalmente ligado a grupos dominantes, mas que encontramos fragmentos de interesse popular como as sessões *Coisas Policiais* e *Queixas do Povo*, e que se torna o principal diário do período, cobrindo ininterruptamente os períodos, por assim dizer, de expansão e crise da economia da borracha. O Jornal “O Mariauense” do coronel José Antonio Nogueira Campos, dono de seringais em Barcelos/Am; O “Diário Oficial” que era jornal pertencente ao estado federado do Amazonas, onde infere-se a presença do seringueiro sempre na coluna de *segurança pública*; O Jornal “Quo Vadis”? representa um periódico que buscava dar voz a pessoas comuns, se apresentava como órgão de interesses populares. O Correio do Purus que era órgão pertencente a M. Freire & Ca. uma associação que acompanhava mais de perto as movimentações do trabalho e dos seringais do interior do Amazonas. E o jornal “A Capital” do Dr. Epaminondas de Albuquerque, intelectual de Manaus, que em seu interior trazia notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes.

Todos esses diários são fontes riquíssimas onde estamos encontrando diversas representações do seringueiro e constituem um arcabouço valioso para o desenvolvimento de nossa pesquisa no mestrado.

### 3 | VIVÊNCIAS E PANORAMA DAS REPRESENTAÇÕES DO SERINGUEIRO NA IMPRENSA

Como sujeito social, o seringueiro pode ser interpretado sob o conceito de “experiência” de Edward Thompson, no qual busca recuperar o papel ativo do sujeito social estabelecendo sua própria história, que não deixará de ser responsável por sua condição a partir de suas próprias ações, o que também pode ser inserido na chamada recuperação das dimensões do “fazer-se”.<sup>14</sup>

Alguns autores que estudaram a região amazônica trazem uma reflexão sobre as tensões e movimentações do seringueiro. Em sua obra “A Cidade, o Teatro, e o Paiz das seringueiras”, Ana Maria Daou destaca as muitas trajetórias de vidas desses indivíduos que migravam para a Amazônia. Elas foram incorporadas a um novo estilo de vida e de novas atividades de inserção social. De modo geral eram profissionais liberais, estudantes, comerciantes envolvidos com negócios ao longo dos rios e nas cidades do interior, e especialmente homens relacionados ao recrutamento de trabalhadores para os seringais,

<sup>13</sup> Como exemplo pode-se citar: Quo Vadis?; Commercio do Amazonas; Correio do Norte; Lucta Social, entre outros.

<sup>14</sup> THOMPSON, 2011. p.9.

assim, como também, um fluxo de nordestinos em menor grau incorporado à elite de Manaus. A escolha de Manaus foi valorizada por seu valor “simbólico”.<sup>15</sup>

Em sua obra “História Econômica da Amazônia”, Roberto Santos fala da falta de escassez de mão-de-obra na região, de soluções postas em ação para resolver o problema, e afirma que “o braço externo de sustentação da atividade extrativista e agrícola, foi por excelência o nordestino”.<sup>16</sup> A forma como se orientou essa corrente migratória deve ser estudada e analisada com cautela e ponderação. Mas, é desse universo de populações advindas para o Amazonas que se encontram os homens que posteriormente se tornarão os trabalhadores da borracha, que Arthur Reis os classifica como o “brabo e o seringueiro”.<sup>17</sup>

A partir daqui queremos visualizar na imprensa, um todo, em nuances de notícias, onde podemos encontrar imagens e representações do seringueiro ou daquilo que se refere a ele em diversos aspectos de sua vivência quer seja no seringal ou na ambiência da cidade. O Jornal “A Constituição”, órgão do partido conservador, traz a notícia estampada na seção “Diário do Gram-Pará” informando tanto a situação que se encontrava o Ceará na grande seca de 1877, quanto a atitude que tomavam essas populações:

São do dia para dia mais desoladoras as noticias que nos chegam [...] a secca estende os seus desastrosos efeitos por todo interior da bella província do Ceará, um vasto deserto árido sem uma gota d’agua para refrescar o sol gretado pela violencia do calor, sem um ramo verde para abrigar as populações abrasadas nos delirios febris da miseria, a atonia morbida e desesperada da fome [...] sem esperanças [...] abandonam o lar e emigram allucinadas [...] essa migração falla-nos com a eloquencia da dor do sofrimento que a desenraizou da terra do berço.<sup>18</sup>

O trabalho do seringueiro dentro dos seringais amazônicos está diretamente relacionado com o clima da região. Percebemos notícias diferenciadas sobre a vivência do seringueiro, a partir do período de cheia dos rios onde acontece a comercialização do produto da borracha, e no período de vazante dos rios na extração do látex.

O Jornal “O Correio do Purus”, traz uma notícia sobre o inverno amazônico no ano de 1905, em que as fortes chuvas daquele ano acabaram por influenciar mais que o devido, a produção da borracha, que invariavelmente, será o seringueiro que sentirá o primeiro impacto:

É muito possível que repetidas chuvas cahidas de outubro pra cá influam muito na produção da borracha, no Rio Purus e afluentes, e, se elas cahirem com igual violencia em outros rios sentir-se-á sensivelmente o decrescimento d’esse genero de exportação. No Rio Purus houve dias, nas ultimas semanas,

15 DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado, 1998. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998. p.109-111.

16 SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: Quierós, 1980. p.97.

17 O brabo é o nordestino novato nas operações de extração do látex. Recém-chegado ao seringal, desconhece as técnicas de trabalho bem como os segredos da mata. Vencida essa fase, atinge a condição ambicionada de seringueiro, assim assimila, incorpora e dá cor definitiva à paisagem humana do seringal (REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O Seringueiro e o Seringal*. 2ª ed. Manaus: Edua, 1997. p.226-227).

18 *A Constituição*. Belém do Pará, 01 de Junho de 1877.

em que o seringueiro viu-se obrigado a suspender, totalmente, o seu trabalho.<sup>19</sup>

Em seu artigo, “O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal”, Alexandre Avelino, nos apresenta pela fonte de um diário da imprensa de Manaus, a tensão entre patrões e seringueiros na ambiência dos seringais. No Jornal “O Mariauense”, do proprietário Coronel Antonio Nogueira de Campos, um abastado dono de seringais em Barcelos/Am, o seringueiro é representado no discurso patronal:

Se os seringueiros se empregassem no plantio de cereaes, durante os sete mezes que não são destinados ao trabalho da borracha, teriam a paz e a fortuna. Fazem o contrario, desperdiçam o tempo, gastão-no em diversões condenadas e quando chega o fabrico da borracha elles, por mais que trabalhem, não podem pagar pello que gastaram no longo e pesados mezes que não foram illuminados pello trabalho... queixam-se do patrão, affirmando que elle vende tudo pelo mais alto preço e por isso estão em atrazo, quando o atrazo vem de llonga vadiagem e da sociedade que é promotora de todas as podridões.<sup>20</sup>

Percebemos por esse discurso, que de maneira geral, os seringueiros eram sempre vistos pelo patrão como indivíduos vagabundos e promíscuos sempre inclinados aos vícios da vida, e assim eram perigosos para a sociedade, ela a detentora dos valores morais, além disso, podemos observar, o que o patronato afirma, ao dizer que se o seringueiros fossem ordeiros e comprometidos com o trabalho nos meses do inverno, das chuvas, “teriam paz e fortuna”, mas sabemos que mesmo que isso acontecesse não era uma regra geral, mas sim exceção, apenas uma minoria distinta alcançou riqueza e prosperidade, e não foi necessariamente por ter “plantado cereaes” na época das chuvas, mas por fatores diversos. A grande maioria dos seringueiros nunca enriqueceu.

É interessante destacar aqui um fragmento, do que podemos chamar de uma poesia utópica, encontrada numa extensa crônica no jornal “O Correio do Purus” a respeito da opressão dos seringalistas sobre os seringueiros nos seringais da região, já no grande auge da borracha:

Doutrinando-se, poder-se-ia dizer ao proprietario de seringaes: a natureza do solo amazonense, a sua cultura marginal dos rios, destacando-se para longe dos centros de civilisação, deram-te um poder, copia fiel desse outro medieval em que o nobre tinha, á discripção, a vida bens e hora dos servos: – tu tens melhor preparo para a existencia, com a facilidade com que te deslocas cada dia vaes aprendendo o que seja a sociedade, a humanidade em summa, porque motivo não levantas de sua degradação physica e moral o teu operário – o seringueiro – que é a pedra angular desse edificio de tua fortuna? Porque motivo o explora, tu, com a inclemencia do agiota, illudidor da fé e defraudador da lei?<sup>21</sup>

Na mesma crônica temos outro fragmento, no qual percebemos que o diário, ou

19 *O Correio do Purus*. Labrea, 08 de Dezembro de 1905.

20 *O Mariauense*. Manaus, 29 de Abril de 1897. Apud AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal*. In: *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, nº3, jan–dez 2012. p.31.

21 *O Correio do Purus*. Labrea, 16 de Junho de 1907.

quem o escreve, também responsabiliza o seringueiro em sua inércia, por aceitar com resignação o estado no qual se encontra, sem atitude e mobilização de luta, que poderiam lhes trazer maior respeito, embora imaginar isso de forma geral também possa parecer utópico, e muito mais complexo:

Ao operário, dir-se-ia, também: Erque-te pela economia, ennobrece-te pelo trabalho e torna-te forte pela instrução; as horas que perdes, inutilmente, nas longas tardes estívais, quer na inercia que depaupera, quer nos divertimentos onde te nasce o vício do alcool, debes aplicar ao estudo de tua língua pátria, à compreensão dos deveres cívicos afim de que, melhorando, possas senão nivelar-se ao teu patrão, ao menos adquirir o seu respeito e estima.<sup>22</sup>

Quando lemos na fonte “ergue-te pela economia”, é impossível não lembrar dos motins e levantes que Edward Thompson descreve em “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”,<sup>23</sup> pois vemos claramente o quanto é significativo e transformador quando uma classe de trabalhadores alcança a consciência de classe, não apenas vivida, mas percebida, ao ponto de mudarem juntos a situação em que se encontram.

No “Diario Oficial”, é noticiado o que o por muitas vezes os agentes dos seringais ainda tinham que enfrentar, o contato com índios cruéis e assassinos. Na notícia há um abaixo assinado feito por donos de seringais no Rio Madeira, solicitando “garantia de vida e propriedade” ao Dr. Fileto Pires Ferreira,<sup>24</sup> Governador do Estado do Amazonas, visto que os habitantes desses seringais lutavam há mais de trinta anos contra uma tribo de Parintintins:

[...] estes indios teem levado o atrevimento ao ponto de atacarem os barracões da margem do Madeira [...] considerando que ainda no anno passado succumbiram fechados nas margens do Madeira, cinco infelizes deste seringal [...] considerando que os moradores da dita zona estão abandonando os seus seringaes, devido as periodicas aggressões dos terriveis indios, que este anno já mataram uma infeliz mulher nas “Tres Casas”, e um seringueiro no lugar São Pedro. Considerando que não é só a fortuna particular que sofre com este abandono de seringaes e sim o Estado que tão dignamente v. exc<sup>a</sup> administra [...] considerando que os Parintintins temem sobre modo a tribo dos Mundurucús, que só com sua presença os afungentará [...] veem cheios de esperanza e justa razão pedir a v. exc<sup>a</sup> que estabeleça uma colonia de indios Mundurucús [...] somente nos seis primeiros meses [...] um anno depois de estabelecida a colonia o aumento da safra da borracha será tal que o Estado será embolsado do capital [...] Rio Madeira, 19 de Novembro de 1896.<sup>25</sup>

Essa extensa notícia que aqui fragmentamos alguns trechos, nos mostram com clareza o que a população dos seringais amazônicos enfrentava com as populações indígenas. Embora o abaixo assinado trace claramente os interesses dos donos dos seringais, é possível perceber nas entrelinhas, por assim dizer, que possivelmente

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p.152.

<sup>24</sup> Fileto Pires Ferreira foi governador do Amazonas, de 23 de julho de 1896 a 4 de abril de 1898. O Teatro Amazonas foi inaugurado durante sua administração, em 31 de dezembro de 1896.

<sup>25</sup> *Diário Oficial*. Manaus, 24 de Junho de 1897.

os seringueiros enfrentavam o conflito com os índios ao ponto de serem mortos, ou de abandonarem os seringais. Ao final do abaixo assinado encontramos a resposta do Governador Fileto Pires Ferreira, que parece ignorar, embora não explicitamente, a sugestão feita de remanejamento dos índios Mundurucus (os Parintintins temiam os Mundurucus, pois já eram civilizados) para uma espécie de colônia no período de extração e trabalho da borracha, garantindo assim a “fortuna” dos seringais e do Estado na compensação do capital investido na resolução do problema. Vejamos o que responde o governador após mais de seis meses do abaixo assinado:

O governo não recusa seu apoio a idéa dos signatarios e promptifica-se a patrocinar todo e qualquer tentamen que tenha por fim salvaguardar os interesses dos habitantes do alto Madeira. Assim, os signatarios que se congreguem para a realização do que propõe e o governo os coaljuvará como for de justiça. Apresentem um plano exequível e bem delineado e o governo depois de estudal-o convenientemente dirá ao certo quaes os favores que pode dispensar aos peticionarios. Palacio do Governo, 21 de Junho de 1897 – Fileto Pires Ferreira.<sup>26</sup>

Encontramos relatos diversos sobre a vivência do seringueiro, sempre marcado por experiências profundas em um contexto carregado de contradições sociais as quais são ignoradas e desconsideradas por alguns historiadores da chamada “cultura historiográfica” amazonense.<sup>27</sup> Mas são objetos de estudo e análise, pois chegam até nós como histórias carregadas de representações as quais revelam o processo de formação da identidade de pessoas comuns, aqui em destaque o seringueiro, tal como na conceituação de Marc Bloch, de que toda vivencia humana é portadora de uma história.<sup>28</sup>

O Jornal do Commercio reúne muitas dessas histórias, dentre elas destacamos aqui uma história intitulada “Vingança Trágica”, nos apresentando com certos detalhes as intrigas e desavenças entre dois seringueiros, companheiros de ofício, mas não de amizade:

Outra scena de sangue temos a registrar, hoje, desenrolada num dos antros do seringal *Retiro*, que fica á margem do Rio Acre. Alli viviam os seringueiros José da Silva Ramos e Anísio Gomes Brandão, ambos empenhados no serviço de extracção de gomma elastica, porem separados pelo ódio incontido de velhas rixas pessoaes, à semelhança das que sempre surgem entre os homens educados na escola da ignorancia. Ramos, que sempre se revelara um individuo de mau character, architectara um plano com o fim de prejudicar seu companheiro de trabalho. Penetrara no terreno safaro da mentira ignominiosa e, sem o mínimo decoro, dissera ao seu patrão que Anísio estava falsificando a borracha, com o fim de deslindar o credito do seringal. O patrão, como é natural, ficou prevenido com Anísio, mas, dias depois, examinando

---

26 Ibidem

27 PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945)*. In: Revista Canoa do Tempo, v.1, n.1, Jan/dez.2007. p.15. Nesse artigo o historiador Luís Balkar elenca entre alguns historiadores, Mário Ypiranga e Arthur Reis, que narram uma história regional positivista, conservadora e elitista, efetiva e sem contestação, mesmo sem o aval das novas interpretações acadêmicas da História. Com um discurso de ordem, essa cultura historiográfica amazonense ignora as demandas e vivências populares, quando não, as despreza e rejeita como irascíveis, impertinentes e equivocadas.

28 VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (org). *Domínios da história*. SP: Campús, 2011, p.143-195.

escrupulosamente a sua borracha, verificou que não tinha fundamento a queixa de José Ramos. Sciente do embuste e ainda mais revoltado com um acto infame com que seu inimigo procurara profanar a honra de seu lar e o brio de sua família, Anísio resolveu, servindo-se para isso de um unico alvitre: a eliminação da vida de José Ramos, antes que elle incidisse em outros processos de mais grave afronta á sua familia. E, assim, pela manhã de vinte e outo de setembro ultimo, quando Ramos demandava uma estrada, rumo do trabalho, Anísio, que se achava occulto numa arvore, desfechou-lhe um tiro de rifle no craneo, que o matou instantaneamente. Após o facto, o criminoso evadiu-se deixando a família no seringal, na ignorancia do seu paradeiro. A vitima era natural de Pernambuco e contava trinta e nove annos de idade.<sup>29</sup>

Nesse mesmo dia o jornal “A capital”, também relatou o mesmo episódio, mas com um ou outro detalhe a mais, como por exemplo, o fato de que Ramos ainda procurou Anísio para se desculpar dizendo que “havia dado ao patrão todas as explicações que lhe tinham sido exigidas”.<sup>30</sup> Ao que parece, na descrição acima, no termo “ato infame”, Anísio ainda tenha dissimuladamente, a partir do pedido de desculpas tentado se aproximar da família, ou da própria mulher de Ramos, com o desejo ainda impertinente, libidinoso e lascivo de “profanar a honra de seu lar e o brio de sua família. A solução encontrada por Ramos, era “a de um único alvitre” matar Anísio, isso era por assim dizer natural, considerando o contexto no qual viviam. A história de Ramos e Anísio é simbólica nesse sentido, pois ocorreram inumeráveis crimes dessa natureza dentro dos seringais amazônicos. Mesmo assim tal episódio ainda nos intriga, a saber, que Ramos tenha evadido-se do seringal abandonando sua família, como se ela já não fosse digna de tanta honra assim.

O Jornal “Capital” traz em seu interior muitas notícias associadas a tragédias envolvendo o seringueiro em sua relação com outros seringueiros e outros agentes na ambiência do seringal. Aqui vamos destacar duas fontes que dão cor à relação que o seringueiro tem com a mulher, esta considerada como riqueza escassa na ambiência do seringal e por isso, pivô de muitas disputas sentimentais entre os próprios seringueiros.

Ainda veremos noticiada na imprensa uma última história da vivência dos seringais no que se refere à relação do homem com a natureza, pois o seringueiro nordestino que vai se adaptando e assimilando este novo ambiente geográfico, acaba tendo que lidar com situações no mínimo inusitadas e hilárias, embora também possam ser trágicas, tal como disse o poeta: “Seria cômico se não fosse trágico”.<sup>31</sup> O Jornal “A Capital” nos informa sobre uma forte ventania passada no seringal, que acabou por colocar uma anta como protagonista principal de uma história, que tem por título “No Rio Machado – Incendio de uma barraca e morte de um homem”:

O seringueiro Luiz Moreira da Silva, residente na secção “Tabajara” no rio Machado, de propriedade da firma Asensi & C<sup>a</sup>, fez, no dia 15 de Agosto findo, um roçado perto à sua barraca. Aproveitando o dia 16, que era de sol

29 *Jornal do Commercio*. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

30 *A Capital*. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

31 A frase é atribuída a Carlos Drummond de Andrade como um aforismo, significando uma sentença concisa, que geralmente encerra um preceito moral.

ardente e bom para a queima da roça, Moreira tocou fogo ao matto e esperou o resultado. A princípio, o fogo foi sempre queimando, até o dia 19; no dia seguinte, cahia sobre o logar um temporal medonho; vento rugia com fúria, açoutando as arvores e dando mais impulso ao fogo. Por volta das 24 horas, estando Moreira, deitado na barraca, em companhia de sua mulher e 4 filhos menores, viu irromper, através das palhas, uma língua de fogo, e, em breve era a barraca invadida pela chammas. Moreira apenas teve tempo de retirar a família, deixando entregue á furia destruidora das labaredas, a barraca e tudo quanto nella existia. Gritando por socorro, acudiram ao chamado varias pessoas, entre elas o seringueiro de nome Miguel de tal. Moreira possuía e estimava uma pequena anta. Na hora do incendio o pobre animal tratou de fugir; já ia logrando este intento, quando Miguel, vendo a, tratou de perseguil-a. O animal embrenhou-se pela matta e Miguel sempre atraz não mais voltando. No dia seguinte, grande foi a surpresa dos visinhos, ao encontrar, dentro de um buraco, no meio do roçado, o inditoso Miguel, tendo debaixo de seu corpo a pequena anta, ambos mortos.<sup>32</sup>

Essa tragédia possui subsídios e fragmentos que chamam a nossa atenção. No rio Machado, a queima de uma roça em dia bom para esse fim, dá inicio a um incêndio generalizado, graças a uma ventania de temporal, que pelo que percebemos entra pelas horas da noite, afugentando com chamas, em sua própria casa, o seringueiro Moreira, responsável pela queimada e dono de uma anta. Ao que parece ser, esse animal, como representação valorosa, deveria ter um significado especial para um seringueiro, que no caso, Moreira ainda a “estimava”. Não bastasse a família do Moreira ter sido salva do incêndio, embora que tenha perdido “a barraca e tudo que nela existia”, e talvez por isso, seu vizinho e provavelmente amigo Miguel de tal, tenha considerado que salvar aquela anta traria menos desgosto e sofrimento ao Moreira, a tragédia se torna maior ainda, como vimos, no que parece ter sido um ato heroico de Miguel, morrem amigo e anta dentro de um buraco, possivelmente um precipício não visto na escuridão da noite, nem por Miguel e nem pela estimada anta.

## 4 | CONCLUSÃO

O seringueiro bem como tudo que o envolve, pode ser pesquisado em um campo com vastas fontes e documentos que se tornam representações com muitos aspectos simbólicos e distintos a serem analisados. Dessa forma podemos demonstrar, por assim dizer, a legitimidade da pesquisa em torno desse sujeito social, e que longe de se esgotarem os estudos sobre ele, ainda há um vasto campo e muitos possíveis temas de estudos a serem desenvolvidos acerca do seringueiro na História.

Euclides da Cunha afirma em seu texto “Entre os Seringais” que ali “o homem é um solitário”.<sup>33</sup> Embora possamos buscar entender o quanto isso era legítimo e verdadeiro sob o olhar de Euclides, bem como daqueles que assim testemunham, jamais perderemos

<sup>32</sup> *A Capital*. Manãos, 27 de Setembro de 1917.

<sup>33</sup> CUNHA, Euclides. *Amazônia – Um paraíso perdido*. Manaus: Valer, 2ª Ed. 2011. p.221.

a oportunidade de ouvir as vozes e as experiências do seringueiro, pois, é certo que ele falava, mesmo que estivesse só. Ao ouvi-lo podemos nos tornar seu companheiro, tentando, mesmo que tateando as folhas antigas dos jornais, conhecer e compreender suas representações do passado.

A partir das pequenas letras dos jornais de uma distante época, de vidas passadas, de mentalidades de outro tempo, esse estudo traz a compreensão da frase de A. Warburg: “Deus está no particular”,<sup>34</sup> que encerra a compreensão do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, que significa a ampliação do campo de observação, com atenção nos detalhes, que se tornam elementos ricos e reveladores dentro dos caminhos e descaminhos da história.

Como dissemos no início sob inspiração thompsoniana, podemos encontrar na classe trabalhadora, aqui em especial, na representação do seringueiro a possibilidade de contar uma história vista de baixo,<sup>35</sup> aquilo que geralmente estava pronto para ser esquecido, histórias de gente comum, experiências de homens e mulheres na construção de sua própria história. Isso engrandece nosso papel como historiador, bem como disse Eric Hobsbawm, “o ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem”.<sup>36</sup> Aqui, talvez possamos até ampliar essa máxima, afirmando que o ofício do historiador é lembrar o que muitos “desejam” esquecer. Repensar a História, neste sentido, é incorporar a ideia de que o papel social dos historiadores da história do trabalho é contribuir para o resgate das práticas adotadas pela classe trabalhadora em seu interminável processo de construção de identidade.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados** 11(5), 1991.

CUNHA, Euclides da. **Amazônia: Um paraíso perdido**. Manaus: Valer, 2ª Ed. 2011.

DAOU, Ana Maria Lima. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX**. Tese de Doutorado, 1998. UFRJ: Rio de Janeiro, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 2002.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 1995.

---

34 GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 2002. p.143.

35 THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. p.185.

36 HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed. 1995. p.12.

AVELINO, Alexandre Nogueira. O Trabalhador Amazonense no Discurso Patronal. In: **Fronteiras do Tempo**: Revista de Estudos Amazônicos, nº3, jan–dez 2012.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967**: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. São Paulo: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na contramão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha (Manaus, 1920-1945). In: **Revista Canoa do Tempo**, v.1, n.1, Jan/dez.2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A Cidade sobre os ombros**: trabalho e conflito no porto de Manaus (1889-1925). Manaus: EDUA, 1999.

\_\_\_\_\_. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920. São Paulo, 2001. Doutorado em História, 2001. PUC-SP, 2001.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. **Os Fios de Ariadne**: tipologia de fortunas e hierarquia sociais em Manaus: 1849-1880. Niterói, 1993. Dissertação de Mestrado, 1994. UFF: Niterói, 1994.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: Quierós, 1980.

SOUZA, Gisele Elaine de Araújo Batista. et al. Movimentos Sociais dos Seringueiros e a RESEX Chico Mendes: a cada conquista, persiste a necessidade das lutas In: **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Porto Alegre, 26 á 30 julho de 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Vol.1 São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed. 2011.

\_\_\_\_\_. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (org). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011.

#### FONTES DOCUMENTAIS

**A Capital**. Manáos, 04 de Fevereiro de 1918.

**A Capital**. Manáos, 08 de Outubro de 1917.

**A Capital**. Manáos, 13 de Outubro de 1917.

**A Capital**. Manáos, 27 de Setembro de 1917.

**A Constituição**. Belém do Pará, 01 de Junho de 1877.

**Commercio do Amazonas.** Manáos, 04 de Dezembro de 1877.

**Commercio do Amazonas.** Manáos, 15 de Julho de 1875.

**Diário Oficial.** Manáos, 24 de Junho de 1897.

**Diário Oficial.** Manáos, 30 de Outubro de 1895.

**Jornal do Commercio.** Manáos, 13 de Outubro de 1917.

**O Correio do Purus.** Labrea, 08 de Dezembro de 1905.

**O Correio do Purus.** Labrea, 16 de Junho de 1907.

**O Mariauense.** Manaus, 29 de Abril de 1897.

**Quo Vadis?** Manaus, 04 de Março de 1903.

**Quo Vadis?** Manaus, 06 de Março de 1903.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**EDWALDO COSTA** - Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília e especialista em Informática na Educação, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e atua como jornalista no Ministério da Defesa, em Brasília.

**JULIANA DA COSTA FELIZ** - Natural de São Paulo (SP), é doutora em Ciências da Informação – Jornalismo e Estudos Mediáticos pela Universidade Fernando Pessoa – UFP, Portugal (2022), mestre em Estudos de Linguagens – Linguística e Semiótica pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (2008), especialista em Imagem e Som, UFMS (2004), bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, UFMS (2000) e licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, UNESA (2015). Ao longo de sua carreira atuou como jornalista, assessora de imprensa, professora universitária e coordenadora de cursos de graduação e especialização. É autora de livros biográficos, históricos e ficcionais.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do discurso 1, 10, 14, 18, 19, 20, 150

Audiência 8, 61, 62, 63, 64, 66, 68

### C

Campo comunicacional 19, 46

Ciências Sociais e Humanas 18

Comunicação 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 18, 19, 20, 27, 29, 32, 33, 45, 48, 50, 52, 58, 59, 60, 62, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 97, 98, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 138, 145, 148, 150, 155, 167, 174, 175, 176, 178, 179, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 209, 211, 224, 237

Contemporaneidade 7, 8, 9, 60, 81, 88

Cultura 7, 8, 13, 29, 46, 51, 58, 59, 61, 63, 68, 69, 70, 74, 78, 80, 90, 91, 96, 100, 101, 102, 106, 115, 117, 118, 134, 142, 144, 147, 148, 166, 172, 184, 185, 188, 190, 191, 192, 208, 229, 231

### D

Dialógica 15, 17, 18, 189, 190, 192

Diálogo 16, 109, 112, 114, 116, 127, 128, 133, 156, 176, 187, 188, 189, 191, 196

Discurso 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 68, 73, 75, 104, 106, 107, 108, 113, 119, 134, 150, 156, 166, 226, 229, 231, 235

### E

Esfera pública 9

Etnografia da comunicação 11

### H

Hermenêutica 1, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

História 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 19, 20, 46, 55, 58, 60, 65, 81, 84, 85, 93, 94, 95, 100, 102, 103, 109, 114, 126, 127, 129, 131, 139, 144, 145, 147, 151, 152, 154, 156, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 192, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 233, 234, 235, 237

### I

Imaginário 5, 8, 9, 11, 85, 143, 159, 166, 191

Imaginário social 8

Impresso 1, 2, 3, 5, 6, 7, 20, 45, 62, 63, 64, 65, 72, 98, 115, 134

Informação 1, 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 27, 28, 47, 60, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 79, 80, 81, 99, 110, 111, 112, 119, 133, 138, 139, 172, 174, 175, 176, 184, 185, 191, 194, 196, 208, 237

## **J**

Jornais 1, 6, 10, 19, 46, 61, 62, 69, 70, 72, 75, 77, 78, 80, 98, 108, 142, 226, 234

Jornal impresso 6, 45, 62, 63, 64, 65, 98

Jornalismo 1, 2, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 45, 46, 63, 70, 72, 73, 97, 99, 102, 103, 109, 110, 112, 119, 121, 133, 134, 136, 138, 139, 148, 187, 237

## **L**

Leitura analítica 10

## **M**

Mediação 8, 21, 22, 32, 198

Memória 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 19, 20, 83, 149, 150, 151, 153, 158, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 189

Memória coletiva 4, 5, 6, 8, 9, 19, 162, 165, 166

Mídia impressa 2

## **N**

Narrativa 7, 19, 20, 55, 109, 138, 139, 150, 151, 152, 158, 160, 164, 167

Notícia 2, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 20, 60, 61, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 87, 98, 103, 109, 110, 112, 119, 120, 121, 126, 129, 132, 133, 228, 230

Noticiabilidade 10, 12, 13, 110, 111, 112, 119, 120, 121, 126, 127, 128, 132, 133, 134

## **O**

Organizações 8, 88, 105, 173, 177, 188, 189, 192, 193, 199, 200, 201, 218, 219, 222, 223

## **R**

Realidade 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 18, 49, 50, 57, 61, 66, 99, 103, 107, 138, 139, 142, 143, 147, 153, 191, 213, 226

Revistas 1, 44, 45, 46, 72, 133, 185

## **S**

Signos 14, 19, 211

Símbolos 14, 18, 19, 49, 115

Sistema midiático 7

Sociedade 2, 3, 6, 7, 8, 9, 13, 16, 20, 29, 59, 60, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 83, 84, 86, 91, 93, 94, 98, 99, 100, 102, 106, 115, 116, 117, 119, 136, 147, 150, 151, 154, 160, 165, 168, 169, 171, 172, 173, 183, 187, 188, 189, 193, 194, 200, 201, 216, 226, 228, 229, 234,

**T**

Teoria da interpretação 14, 15, 20

Teoria do jornalismo 11, 13, 109

Texto 8, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 30, 45, 51, 64, 100, 101, 106, 108, 109, 124, 143, 146, 149, 151, 167, 233

Texto midiático 10

Transmissão 2, 3, 8, 28, 112

Traquina 7, 12, 13, 19, 20, 109, 120

**V**

Valores-notícia 13, 119, 120

Veiculação 50

Veículo de comunicação 13

**W**

Wolf 12, 13, 20, 61, 70, 109, 120

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos  
contemporâneos

2

  
Ano 2022

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos  
contemporâneos

2

**Atena**  
Editora  
Ano 2022